

**LINGUAGENS ARTÍSTICAS EM RELAÇÃO: AS IMAGENS DE INSTRUMENTOS
MUSICAIS INDÍGENAS NA LITERATURA DE INFORMAÇÃO**

**ARTISTIC LANGUAGES IN RELATION: THE IMAGES OF INDIGENOUS MUSICAL
INSTRUMENTS IN THE INFORMATION LITERATURE**

Walace Rodrigues¹

RESUMO

Este texto busca trabalhar com as várias imagens de instrumentos musicais indígenas encontradas na literatura de informação do século XVI ao XIX enquanto forma de linguagem e buscando para elas um lugar dentro da história da arte. Vários foram os viajantes que nos deixaram imagens do Brasil colônia e Império. As imagens utilizadas pelos viajantes, muitas vezes tinham a função de confirmadoras dos textos escritos na literatura de informação, buscam um lugar de fala dentro de seus textos e devem ser, também, incluídas e pensadas dentro do campo artístico. Neste texto tentamos analisar os possíveis discursos de sentido relacionados a tais imagens e buscar um lugar para elas na tradição artística. Nossa pesquisa para esse texto foi baseada em fontes bibliográficas e imagéticas e nossa análise buscou, qualitativamente, compreender o lugar de tais imagens e seus discursos. Os resultados parciais mostram que as imagens de instrumentos musicais indígenas do séc. XVI referem-se ao exótico, ao estranhamento em relação aos objetos dos nativos brasileiros. Já no século XIX, tais imagens se mostram mais organizadas e deixam ver a criatividade e a inventividade do indígena brasileiro. Acreditamos que essa mudança na representação artística dos objetos musicais indígenas possivelmente também acompanha uma mudança de pensamentos em relação aos indígenas brasileiros.

Palavras-chave: Instrumentos musicais, Indígenas, Literatura de informação.

ABSTRACT

This text seeks to work with the various images of indigenous musical instruments found

¹ Pós-Doutor pela Universidade de Brasília – UnB/POSLIT e pelo Instituto Politécnico de Lisboa - LIACOM/ESCS/IPL. Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ e com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLLit/UFNT). Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins – GESTO, da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – CAPES/CNPq. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>

in information literature from the 16th to the 19th century as a form of language and seeking for them a place within the history of art. Several were travellers who left us images of Brazil's colony and empire. The images used by the travellers often had the function of confirming the texts written in the literature of information, they look for a place of speech within their texts and they must also be included and thought within the artistic field. In this text we try to analyse the possible discourses of meaning related to such images and to seek a place for them in the artistic tradition. Our research for this text was based on bibliographic and imagery sources and our analysis sought, qualitatively, to understand the place of such images and their speeches. The partial results show that the images of indigenous musical instruments of the 16th century refer to the exotic, the estrangement in relation to the objects of the Brazilian natives. Already in the 19th century, such images are more organized and show the creativity and inventiveness of Brazilian natives. We believe that this change in the artistic representation of the indigenous musical objects possibly also accompanies a change of thoughts in relation to the Brazilian natives.

Keywords: Musical instruments, Indigenous people, Information literature.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho mostra uma das várias vertentes de nossa pesquisa em nível de pós-doutorado na Pós-Graduação em Literatura – POSLIT, na Universidade de Brasília – UnB, e foi executado para ser apresentado enquanto comunicação oral no “IV Colóquio de Teoria, Crítica e História da Arte – Reflexões sobre as possibilidades da história da arte”, realizado de 05 a 08 de novembro/2018 no campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília, em Brasília, DF.

Aqui buscamos explorar as imagens dos instrumentos musicais indígenas como reveladoras de um discurso próprio e detentoras de uma linguagem visual específica. Tais imagens são encontradas na literatura de informação do século XVI ao XIX. Essa literatura foi aquela produzida pelos viajantes que visitaram e escreveram seus relatos sobre o Brasil e tudo que experienciaram nessas terras.

A pesquisa para esse escrito coloca-se como teórica e de cunho bibliográfico. Julgamos que este tema seja relevante para pensar os diferentes discursos ofertados pelos viajantes em relação às imagens utilizadas em suas publicações de literatura de informação.

Aqui analisamos algumas imagens de instrumentos musicais indígenas retiradas

da literatura dos viajantes dos séculos XVI e XIX. Lembramos que esse exercício de análise pode revelar alguns discursos de sentido acerca de como os viajantes concebiam os indígenas, seus saberes e seus fazeres.

Outro ponto a ser pensado é como tais imagens adentram o campo da história da arte e sua tradição europeia e como essas imagens podem ser tratadas pela história da arte: Como relatos visuais? Como objetos de arte? Como representações documentais? Ou tantas outras funções?

2 LITERATURA DE INFORMAÇÃO E AS IMAGENS DE INSTRUMENTOS MUSICAIS INDÍGENAS

Percebemos que as imagens podem ser, ao mesmo tempo, atribuídas com um poder exorbitante e com uma relação privilegiada com a verdade. Proibidas e abraçadas pelas religiões, desconfiadas pela filosofia, manipuladas como espetaculares e proliferadas nas mídias, as imagens nunca deixam de apresentar seus múltiplos aspectos, seus paradoxos, seus espaços planos recuados, enfim, seus diversos e possíveis discursos.

Iniciamos, portanto, pensando sobre os discursos visuais e escritos das publicações dos viajantes que passaram pelo Brasil entre os séculos XVI e XIX. Podemos compreender que se há um discurso a ser lido, há uma forma de linguagem nesses discursos. Dessa forma, podemos compreender as imagens enquanto detentoras de uma linguagem e um discurso. Ghirdelli Júnior (2010, p. 87) nos fala sobre a arte enquanto linguagem:

A obra de arte é tomada como linguagem, e isso não é em sentido metafórico. É observada e estudada a partir de categorias como *significação, referência, denotação, regras sintáticas e semânticas* etc. A arte é observada como um sistema de símbolos. Nelson Goodman a levou para o campo da “estética analítica”, e os estudos que, em geral, são feitos a respeito da linguagem no século XX, voltaram-se para a obra de arte, da música à literatura, passando por todo o campo das artes visuais.

Gaspar (2009) nos diz como a literatura de informação (ou literatura dos viajantes) começou a formar representações sobre essa terra, as pessoas que aqui

viviam e seus costumes:

As narrativas dos viajantes, reunidas em livros, impressos às vezes em mais de uma edição e em diversas línguas, fizeram muito sucesso na época, sendo disputados pelo público interessado em descrições de povos e costumes exóticos. Os viajantes foram, portanto, os grandes cronistas da vida brasileira dos séculos XVI a XIX, descrevendo em suas obras aspectos da terra, da gente, dos usos e costumes do Brasil (Gaspar, 2009).

Muitos foram os viajantes (aventureiros, naturalistas, exploradores, navegantes, etc) que escreveram seus relatos sobre o Brasil, suas gentes e as coisas da terra. Suas passagens por nosso país deixou-os tão impressionados que necessitaram narrar o que viram e experienciaram. Alguns desses cronistas foram Hans Staden, Jean de Léry, Henry Koster, príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, Louis François de Tollenare, James Henderson, Johan Moritz Rugendas, Jean-Baptiste Debret, Maria Graham, Johan Baptist von Spix e Karl Friedrich Philip von Martius, Richard Francis Burton, entre tantos outros.

Tais viajantes utilizaram as imagens em suas publicações e sempre fazendo com que tais imagens dialogassem com os textos escritos, mostrando cenas, informando visualmente e registrando como as coisas, os costumes e as gentes eram “diferentes”.

E por que nos interessam justamente as imagens dos instrumentos musicais indígenas nessas publicações? Porque nossos estudos anteriores também buscavam investigar os instrumentos musicais indígenas e ainda porque tais imagens podem revelar - nos maneiras de ver esses indígenas e suas criações de cultura material.

Assim, tentamos olhar para tais imagens, hoje em dia, de maneira inquisitiva, buscando contextualizá-las e dar sentido a elas a partir de nossos estudos atuais sobre arte e sobre os povos indígenas. Tais imagens colocam-se, então, enquanto objetos de conhecimento, como informam-nos Mauad e Lopes (2014, p. 283):

Em diferentes sociedades e períodos históricos, ver e conhecer foram princípios de elaboração do conhecimento sobre o mundo. Mediado pelo sentido da visão, o produto dessa relação pôde gerar, por sua vez, imagens em suportes variados. Elas passam, então, a mediar o conhecimento por meio de seus usos e funções, bem como da circulação a que são submetidas.

Ainda, não podemos nos esquecer que a necessidade de tais imagens na literatura dos viajantes acabava por dar a elas uma situação de prova visual do que era relatado, incrementando a força de representação dessas imagens e levando-nos a pensar, hoje em dia, em uma possível história das representações visuais.

Nesse sentido, essas imagens também nos questionam a partir da história da arte. Onde podemos colocá-las? Em que patamar artístico estão? Vemos que podemos, fornecendo exemplos de imagens, tentar compreender como a história da arte pode lidar com essas imagens.

Nosso primeiro exemplo imagético (imagem 1) vem do aventureiro alemão Staden:

Imagem 1 - Théodore de Bry para Hans Staden - "Uma festa típica Tupi", cerca de 1557 e 1578



Hans Staden (1525-1576) foi um aventureiro alemão que pretendia ir para a Índia, mas acabou por viajar ao Brasil, chegando em Pernambuco em 1547 e retornou à Lisboa

logo em seguida. Voltou ao Brasil em 1550, e estava perto de São Vicente quando foi tomado por indígenas Tupinambá, ficando preso por nove meses e sendo salvo por marinheiros franceses.

A imagem 1 mostra uma cena intitulada “Uma festa típica Tupi”. Tal imagem foi criada por Théodore de Bry (1528-1598) a partir dos relatos de Staden e imagens anteriores. Na descrição da imagem, Staden fala que uma vez por ano os indígenas de toda redondeza juntavam-se para festejar.

Notemos que a composição de Théodore de Bry repete imagens de forma muito econômica. Ele utiliza a mesma imagem de um homem de costas e de um homem de frente, repetindo-as. A única variação é em relação à decoração corporal. Os corpos seguem a iconografia europeia da época, não sendo fiel aos tipos físicos dos indígenas brasileiros. Apesar de ser uma imagem bastante descritiva, ela tem uma composição bastante harmônica e mostra a maestria de um exímio artista para a época. Tal imagem tem direta relação com as descrições e imagens do livro de Staden intitulado “História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América, Desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas Terras de Hessen até os Dois Últimos Anos, Visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a Conheceu por Experiência Própria e agora a Traz a Público com essa Impressão”², de 1557. Vale ressaltar que a qualidade artística das imagens dessa edição de 1557 são muito inferiores às de Théodore de Bry.

Também vale lembrar que durante os séculos XVII e XVIII as expedições ao território brasileiro eram controladas pela Coroa Portuguesa e poucos foram os exploradores autorizados a vir para o Brasil com o aval de Portugal. Entre esses viajantes autorizados temos Joaquim José Codina e Alexandre Rodrigues Ferreira, ambos no século XVIII. Somente depois da abertura dos portos para as nações amigas, a partir da vinda de D. João VI, em começos do século XIX, mais expedições puderam adentrar as profundezas do país. Tal período de embargo aos viajantes refletiu-se na escassez de

² A edição utilizada para a escrita desse trabalho foi “Hans Staden: Suas viagens e cativo entre os selvagens do Brasil”. Uma tradução da primeira edição original. São Paulo, TVP, Da Casa Eclectica, de 1900, como consta nas referências bibliográficas.

publicações de literatura de informação durante os séculos XVII e XVIII. A professora Karylleila dos Santos Andrade nos fala sobre essa fase histórica do Brasil e sobre as produções a partir de expedições:

Do século XVI até fins do século XVIII, a produção científica e intelectual no Brasil era escassa. Logo que se apossou do território brasileiro, o governo português, em detrimento da política comercial expansionista dos primeiros séculos de colonização, proibiu a entrada de estrangeiros no país. A intenção era resguardar para si as informações sobre as potencialidades econômicas e os recursos exploráveis. Isso garantiu a Portugal o monopólio de exploração e comércio: a política econômica mercantilista foi sistematizada por meio da exclusividade. Mesmo com as restrições de caráter político-econômica, as informações que chegavam a Portugal orientavam quanto aos recursos naturais e a melhor maneira de submeter os habitantes nativos a sua política mercantilista (Andrade, 2008, p. 96)

Os relatos escritos dos viajantes do século XIX revelavam os costumes das pessoas que aqui viviam. A visão de exotismo em relação aos indígenas pareceu ter dado lugar, durante o século XIX, a uma visão mais ligada à curiosidade em relação ao “outro”, a uma visão de começos da antropologia.

Um outro bom exemplo de imagem de instrumento musical indígena na literatura de viajantes é mostrado na imagem 2. Essa imagem foi intitulada como “Indische Geraesthschaften” (“Utensílios indígenas” em tradução livre) e executada pelo desenhista Philipp Schmid.

Tal imagem revela-nos vários objetos musicais indígenas em sua parte direita. Essa disposição dos objetos de forma tão organizada e realista nos leva a pensar em uma catalogação quase antropológico-naturalista de tais objetos desenhados. Não somente Philipp Schmid utilizou essa forma de representação tão esquemática, mas também Jean- Baptiste Debret o fez em um trabalho intitulado “*Instrumens de Musique*”, de 1834. Outros artistas do século XIX também utilizaram essa forma de representação esquemática e organizada para representar objetos e tipos humanos.

Notamos, também, a qualidade estética da imagem 2 e verificamos que Philipp Schmid era um desses artistas viajantes que detinham saberes artísticos acadêmicos. Ele integrou a expedição de Johann Baptist Von Spix e Carl Friedrich Philipp Von Martius em uma longa viagem pelo interior do Brasil, entre os anos de 1817 e 1820.

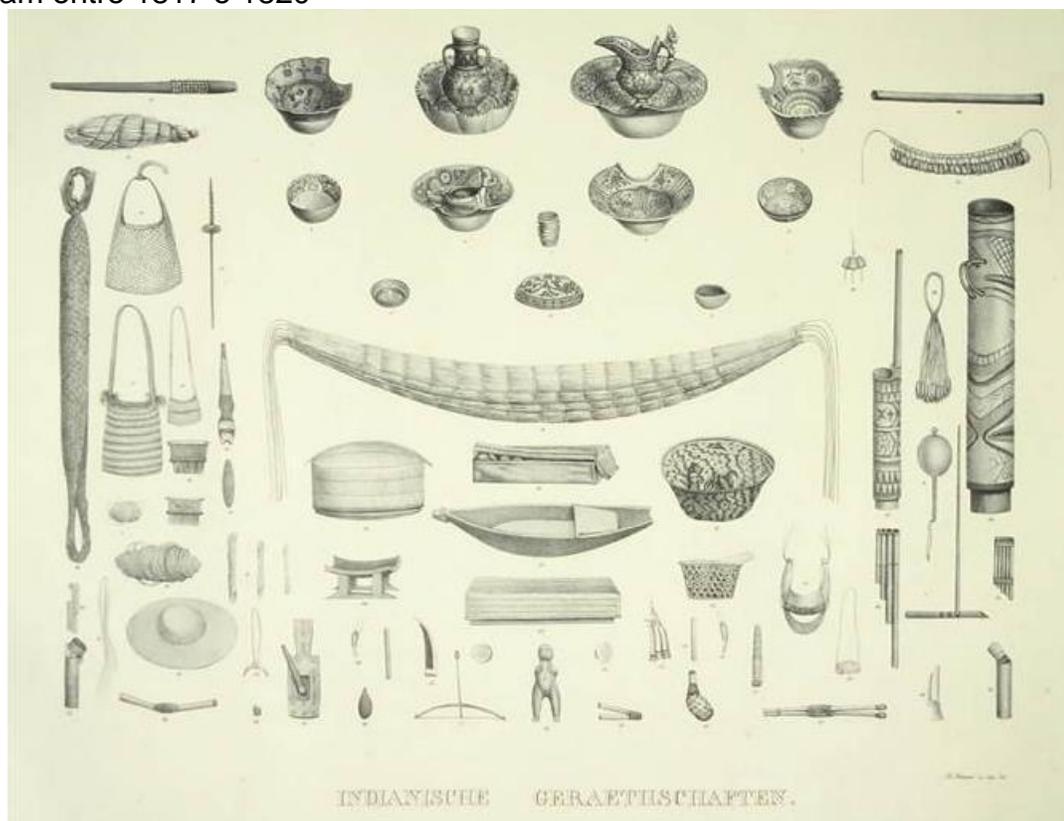
Agora, buscando fazer uma análise das imagens dos instrumentos musicais na

literatura de informação a partir da história da arte, podemos dizer que a história da arte pode ser considerada como um campo multidisciplinar do saber científico, pois ela busca conhecer as manifestações artísticas através do tempo, tentando classificá-las, periodizando-as e deixando ver suas características únicas.

Foi durante o Renascimento, com Giorgio Vasari (1511-1574), que este campo do saber começou a tomar forma. Hoje em dia, esse campo busca conhecer as produções artísticas das mais variadas civilizações e povos, mesmo aquelas para além da ocidental.

Ainda, tal disciplina estuda as mais distintas variantes das diferentes expressões artísticas encontradas no mundo. Há muito por conhecer para a disciplina de história da arte, mas a cada análise de uma obra de arte esse campo se expande um pouco mais.

Imagem 2 - “*Indische Geraesthschaften*” (Utensílios indígenas). Desenhista: Philipp Schmid. MARTIUS, Carl P. von; SPIX, Johann Baptist von. No livro “Viagem pelo Brasil”. Viajaram entre 1817 e 1820



Dentro de uma análise mais artística, verificamos que há particularidades do estilo de representação de cada artista viajante, como nos diz Décio Pinatari citando Eco (1997, p. 64):

A dialética presente nas relações entre iconologia e o o gosto é a mesma que comanda as relações entre repertório de formas e a realidade que ele busca traduzir. Umberto Eco dá um bom exemplo disto, quando lembra os desenhos executados pelos naturalistas do século XVIII, em suas viagens pioneiras pela África, Ásia e Américas: seus desenhos de animais, que procuravam representar o mais fielmente possível, estavam mais presos à iconologia europeia desses animais do que aos seus traços verdadeiros ou reais.

Sabemos que Théodore de Bry criou suas imagens a partir de relatos escritos e visuais anteriores, mas não se ateu às especificidades da terra que representava. Ele buscou criar um discurso visual que os europeus entendessem, utilizando-se, para isso, de forma europeias de representação, principalmente de corpos.

As imagens dos viajantes impactaram na maneira como os europeus formaram opinião sobre o Brasil, suas gentes, seus costumes, sua flora, sua fauna, etc. Elas serviram enquanto representações “verídicas” e confirmadas pela escrita dos viajantes acerca de nossa terra e as coisas daqui.

Do horror de Hans Staden com o canibalismo (ele não entendia tal ação como sendo um ritual de antropofagia) e a falta de batismo dos indígenas (pagãos) até a observação mais antropológico-naturalista dos viajantes do século XIX, organizando os objetos e tipos na imagem, como se estivessem em um gabinete de curiosidades.

Analisando essa imensa quantidade de imagens pelo viés da arte, percebemos que tais imagens variam muito em relação à qualidade estética, principalmente por causa de quem as produziu (de acordo com a maestria em relação a técnica empregada por cada artista). Há imagens produzidas por exímios desenhistas (muitas vezes treinados em academias renomadas) até aquelas executadas por amadores.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou encontrar um lugar para as imagens de instrumentos musicais

da literatura de viajantes dentro do campo da história da arte. Verificamos que cada imagem detêm um nível artístico único (umas com uma qualidade artística mais elevadas que outras), de acordo com quem as produziu e com o período artístico da época. As imagens das primeiras publicações de Hans Staden são mais rudimentares e seguem um padrão medieval pouco sofisticado, daí a necessidade de serem “melhoradas” por de Bry. Os corpos se assemelham a corpos europeus e a perspectiva era bastante primária.

Já as obras de Debret, Rugendas, Philipp Schmid, Eduard Hildebrandt e Hércules Florence, por exemplo, são verdadeiras obras de arte. Os desenhos de Florence são de uma singeleza e riqueza de detalhes impressionante, assim como as aquarelas de Debret e Rugendas, entre outros trabalhos de grande valor artístico presentes na literatura de informação. Dessa forma, não temos como fazer uma classificação geral das imagens (gravuras, aquarelas e desenhos) deixadas pelos vários artistas que por aqui passaram e que contribuíram para a criação de uma representação imagética primeira sobre nosso país. Obviamente que cada um interpretava a sua maneira aquilo que via e experienciava. No entanto, eles partilhavam do espírito de seus tempos (*zeitgeist*) e de suas próprias concepções em relação ao povo dessa terra, seus fazeres, saberes, costumes e objetos.

Podemos dizer, ainda, que tais imagens de instrumentos musicais na literatura de informação ajudaram a sedimentar as primeiras representações sobre nosso país, suas coisas, seus habitantes e seus saberes. Assim, vemos que se construiu uma forte narrativa que nem sempre foi muito coerente com relação aos povos indígenas e suas culturas.

Por último, sobre as representações dos instrumentos musicais indígenas na literatura de informação, podemos dizer que no século XVI elas foram usadas para revelar os costumes dos indígenas (principalmente suas danças e hábitos musicais), mas sempre com uma visão de estranhamento, de distanciamento e de exotismo; Já no século XIX podemos notar que os exploradores percebiam que os indígenas produziam uma grande variedade de instrumentos musicais de sopro (flautas, apitos, trombetas, etc) e percussão (chocalhos de mão, de fieira, etc), revelando indícios de um sistema musical próprio de cada grupo étnico.

Finalizando, vemos que as representações dos objetos indígenas em forma de

tábuas (isso no século XIX) permitem perceber um interesse "antropológico³" em relação aos indígenas brasileiros.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Karylleila dos Santos. Saint-Hilaire, Pohl, Gardner e Castelnau e a exitacionalização da Província de Goiás e a grafia dos Topônimos. **Cadernos do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos**, v. 96, ano 11, 05, Rio de Janeiro: CIFEFIL, p. 96-105, 2008.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Voyage Pittoresque et Historique au Brésil**, ou séjour d'un artiste française au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement. 1834.

GASPAR, Lúcia. **Viajantes (relatos sobre o Brasil, século XVI a XIX)**. 2009. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em: 26 set. 2018.

GHIRALDELLI JÚNIOR., Paulo. **História essencial da Filosofia**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

MARTIUS, Carl P. von; SPIX, Johann Baptist von. **Viagem pelo Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. Imagem, História e Ciência. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 9, n. 2, maio/ago., p. 283-286, 2014.

PIGNATARI, Décio. **Informação linguagem comunicação**. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

STADEN, Hans. **Hans Staden**: Suas viagens e cativo entre os selvagens do Brasil. Tradução da primeira edição original. São Paulo: TVP. Da Casa Eclectica, 1900.

³ Vale lembrar que nos começos do século XIX a antropologia ainda não havia se firmado enquanto ciência, mas já existia um grande interesse europeu por objetos "curiosos" dos povos não-ocidentais.